



Horta Popular Dandara: agroecologia nas periferias é ferramenta organizativa

FIGUEROA, Ariane Roberta da Silva.¹; ALMEIDA, Anierica dos Santos²

¹ariane.figueroa@hotmail.com; ²Centro Sabiá, anierica@centrosabia.org.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Apresentação e Contextualização da experiência

No atual estágio do capitalismo de fragilização dos direitos, é urgente a busca por estratégias de autossuficiência e organização coletiva. Nesse sentido, o presente relato busca jogar luz sobre práticas e vivências realizadas em estágio curricular na Horta Popular Agroecológica Dandara, no bairro de Peixinhos, divisa entre a periferia de Recife e Olinda, Pernambuco.

A horta teve sua fundação no começo da pandemia de COVID-19 em 2020, ocupando um espaço público com profunda história de violência e resistência, chamado Nascedouro (antigamente matadouro) de Peixinhos, hoje local de sementeiras, colheitas e trocas. Responsável já pelo espaço, a Biblioteca Multicultural Nascedouro cedeu uma área de 400 m² que fica entre uma ocupação do Movimento de Trabalhadores e Trabalhadora por Direito (MTD) e um prédio do começo do século XX que recebe, além da biblioteca, ensaios de dança, oficinas, reuniões, tudo voltado para o território.

A iniciativa da horta foi impulsionada pela campanha Mãos Solidárias do MST através da sua ação COVID promovendo Agentes Populares de Saúde. Em parceria com o MTD, a Marcha Mundial das Mulheres e o MNLM (Movimento Nacional de Luta pela Moradia) um grupo predominantemente de mulheres negras foi assessorado pela ONG Centro de Desenvolvimento Tecnológico Sabiá na implementação de um espaço que produzisse alimentos e promovesse a saúde dos moradores do território.

Em um contexto de incertezas pela pandemia da COVID-19 em que o Brasil estava voltando ao mapa da fome, o auxílio emergencial não dava conta da reprodução social e as famílias periféricas se encontravam em crescente vulnerabilidade, a iniciativa de produzir agroecologicamente no meio da região metropolitana pareceu, ao mesmo tempo que urgente, uma idealização.

Desenvolvimento da experiência

Essa convergência de forças, na forma de mutirões com moradores locais, militantes de movimentos e técnicos agroecológicos, transformou uma área em situação de abandono, onde havia apenas lixo e matagal, em canteiros prontos para plantar e semear (figura 1 e 2).



Com a assessoria técnica agroecológica, bem como ferramentas, insumos, mudas e sementes fornecidos pelo Centro Sabiá, os mutirões reuniam cerca de quinze pessoas e eram realizados duas vezes por semana. A organização era a responsável técnica, mas, com princípios voltados à formação cidadã, participação social e autonomia comunitária, mediava a construção organizativa da horta.



Figura 1



Figura 2

Desde o começo, o caráter dialógico do planejamento e pedagógico das ações deram os caminhos do que viriam a ser a horta. Foram promovidos intercâmbios, oficinas (figura 3), formações, além de incidência política, tanto nas ocupações do entorno e nos usuários do espaço do Nascedouro, quanto das mulheres da horta, em instâncias políticas governamentais.



Figura 3

Nos momentos técnicos se privilegiou o tipo de vivência que possibilitasse uma expansão da perspectiva: outros espaços de produção agroecológica, outras hortas comunitárias, outras iniciativas de organização de mulheres, em feiras, espaços de saúde comunitários, além de levar até lá pessoas com conhecimento técnico sobre compostagem, plantio consorciado, beneficiamento de ervas medicinais e pessoas para estágio agroecológico. Com a dimensão política se valorizou o trabalho de



fortalecimento daquelas mulheres a nível subjetivo e coletivo, tornando o espaço um lugar de acolhimento individual e também de estímulo à participação coletiva.

Este último aspecto tem especial relevância pois foi o que predominou na continuidade e fortalecimento da horta. A partir do espaço inúmeros processos são disparados que revelam as expressões da questão social pulsantes no território, de forma que essa construção toda tem um forte significado político: para o território, para os processos organizativos locais, para as participantes, para o desenvolvimento da solidariedade ativa e da educação crítica.

A horta desde sua criação pautou constantemente questões como a insegurança alimentar, o impacto dos agrotóxicos na saúde, a agricultura urbana como expressão de práticas de uma cultura ancestral, – seja da população rural migrante, seja da população negra e/ou ameríndia –, a luta por território, por água e tantas questões que seria impossível citar todas. Além disso, fez emergir outras questões latentes trazidas pelas participantes, como a questão de gênero.

Desse modo o espaço conciliou a reprodução da vida em suas diferentes manifestações. Ao mesmo tempo em que nutriu a existência dessas mulheres, nutriu um solo urbano fraco e compactado, cultivou sementes e mudas que vieram a virar alimento, se preocupou com a água para regar a vida que se anunciava.

A Horta Popular Agroecológica Dandara se preocupou em, nesse contexto, promover uma melhoria ambiental. Então garantiu uma diversidade de espécies a serem cultivadas, de curto, médio e longo prazo, para que sempre se pudesse estar colhendo algo. Nos mutirões eram realizadas atividades de rega, plantio, colheita, cobertura de solo, produção de mudas, adubação natural, manutenção do solo através da rotação de culturas, compostagem e diversas outras ações de manejo.

Em quase 30 canteiros foi plantado e colhido: espécies de ervas como artemísia, diferentes tipos de boldo, manjeriço, alecrim, capim santo, cidreira, menta, hortelã, camomila, terramicina; hortaliças como alface, rúcula, espinafre, pimentão, berinjela, quiabo, abobrinha, feijão, temperinhos, acelga, pepino, abóbora, tomate, batata doce; além de banana, macaxeira, fisalis, maracujá, milho; e uma diversidade de plantas alimentícias não convencionais (PANC) como breço, beldroega e outras.

A dinâmica de dois dias semanais de mutirão (figura 3), que reunia o coletivo para planejar e avaliar o processo da horta era complementada com a dinâmica de escalas para responsabilizar todas no contínuo cuidado da horta. Ações base da agroecologia como o manejo ecológico do solo fundamentado na matéria orgânica verde e seca é um elemento que foi respeitado rigidamente. Junto com a composteira, que garantia a dinâmica da ciclagem da vida, princípios elementares e relativamente simples de manutenção de uma horta eram aplicados junto e pelas mulheres do coletivo.



Figura 3

Muitas das mulheres participantes da horta se sentiram impelidas a criar ou melhorar seus quintais produtivos domésticos, garantindo o auto abastecimento mínimo em contexto de encarecimento dos alimentos e super estímulo ao consumo de ultraprocessados. Essas, além de trazer seus conhecimentos, levavam composto orgânico e outros insumos para melhorar sua produção como cinzas, serragem, mudas, etc.

De maneira geral ficou visível como técnicas facilmente funcionalizadas permitem a produção em centros urbanos de alimentos, de medicinas e de processos de empoderamento, claro com apoio e estímulo de outros sujeitos comprometidos com o desenvolvimento de potências e autonomias. Além disso, o fechamento das atividades coletivas sempre culminava em um momento de confraternização e partilha de alimentos, para celebrar o trabalho e os avanços e estreitar os laços de luta e parceria, nos alimentando de coisas saborosas e que ativam a sensação de gratificação, inerente a todo sistema límbico.

Desafios

Todo início é difícil, e não foi diferente com a Horta Popular Agroecológica Dandara, no início houve pouca aderência, o que avaliamos ser natural em um sistema que não oferece tempo nem estímulo para atividades que não sejam individualizantes, ainda mais em um espaço de grande vulnerabilidade às questões sociais de modo geral. Além disso, a centralidade das pessoas daquele território em garantir sua subsistência é um elemento decisivo para entender o seu uso do tempo.

Outro elemento desafiador para a horta, mas conhecido como um desafio crônico das periferias do Recife, foi o problema do abastecimento de água, ainda mais no período das estiagens, que ocorreu ainda em 2020 na região, no princípio da horta. Isso salientou a diferença gritante entre os bairros de classe média e os bairros como Peixinhos, onde o racionamento durou de 8 a 15 dias e que ameaçou bastante objetivamente a experiência. A Horta ficou nesse mesmo ano três longos períodos sem água, o que provocou a perda de quase toda produção e despertou a urgência por autonomia hídrica no território. Contudo através de um projeto social



implementado pelo Centro Sabiá surgiu a oportunidade de perfurar um poço na horta, projeto que os participantes reavaliaram e optaram pela construção de uma cisterna de placa de cimento com sistema de captação de água da chuva (figura 4) e com capacidade para 16 mil litros que posteriormente foi associado com sistema de irrigação, conquista muito celebrada.



Figura 4

A questão fundiária também se apresentou diariamente nos desafios travados, pautando sobremaneira a luta pela moradia, já que várias integrantes da horta são moradoras de ocupações e compõem a luta no local ou em movimentos sociais. Elas traziam à tona a falta de condições de nos centros urbanos se conseguir subsistir minimamente e suprir suas necessidades alimentares básicas fora do mercado e com qualidade. Esse elemento só constatou como são as mulheres que se responsabilizam pela manutenção dos lares, pela luta por condições básicas de (bem) viver e pela reprodução social humana. Elas eram frequentemente demandadas em momentos organizativos e de resistência e tinham todo apoio e anuência do coletivo para integrar esses momentos de luta.

Além dessas, outra questão que foi transversal a todos os outros temas foi o gênero, a Horta Popular Agroecológica Dandara trouxe à luz a condição de vulnerabilidade dessas mulheres, sujeitas a violências de diferentes naturezas: familiar, urbana, institucional, estrutural. Considerando que a predominante participação na construção e andamento da horta foi por parte de mulheres, negras e periféricas, as questões estruturantes de uma sociedade de classes, racializada e patriarcal ficavam patentes. Enquanto estagiária de assistência técnica, inevitavelmente as denúncias e desabafos vinham nas conversas: situações de sobrecarga doméstica, laboral e financeira, violências, solidão, adoecimento físico e mental, abuso moral, psicológico, patrimonial, físico... e frustrações de toda natureza.

Essas questões quase sempre vinham acompanhando a importância dada à horta enquanto espaço de rebatimento mínimo a essa realidade cotidiana. Alguns dos elementos recorrentes nas falas delas eram as funções que o espaço tem: como momento individual e subjetivo; um respiro das demandas impostas socialmente; como prática de relaxamento emocional; como um momento de interação e convívio com outras mulheres; como espaço de educação organizativa e coletiva; como



oportunidade de formação prática; e outras leituras que demonstram a força contida nelas e que o espaço possibilitava emergir.

Foram diversos os desafios que na verdade só destacavam a agência dessas mulheres como sujeitas de movimentação e de protagonismo em situações as quais só elas poderiam gerir e/ou que já incidiam. Houve, portanto, nesse contexto, um contínuo fortalecimento de condições para nutrir e potencializar a existência dessas mulheres frente essa realidade cheia de desafios sistêmicos.

Principais resultados alcançados

Foi possível observar que a Horta Popular Agroecológica Dandara excedeu o papel de produção de alimentos e cumpriu uma função social essencial de gerar e nutrir potências latentes, mas silenciadas pela pressão das contingências locais e macroestruturais. Ela teve e tem a iniciativa de jogar luz e dar impulso a pessoas pressionadas cotidianamente pelos desafios materiais.

Nesse sentido, é possível verificar que as iniciativas em agroecologia colocam lado a lado a produção de alimentos e de pessoas. A agroecologia, analisando a partir dessa experiência, se compromete com a vida na medida em que alia bandeiras que se comprometem com a qualidade de vida e o direito a existir de forma justa e com os avanços civilizatórios mínimos para uma busca de dignidade humana. A agroecologia se preocupa não com sobreviver, mas viver; não somente ingerir uma substância, mas nutrir-se; não somente executar tarefas colocadas por outrem, mas responsabilizar-se e refletir sobre o sentido delas; não em ser apenas um número do um sistema mas uma pessoa preta de desejos e possibilidades.

Perceber o fortalecimento das mulheres envolvidas na ação e a reverberação desta nas suas vidas domésticas e políticas é se dar conta empiricamente do poder do processo de organização e arrisco dizer do processo de conexão com a natureza. Natureza enquanto terra e também enquanto sujeito, formando então um organismo vivo, com fragilidades e com potencialidades.

Espaços como esses possibilitados pela bandeira da agroecologia são férteis para a educação de base e o fortalecimento comunitário, articulam questões imediatas do cotidiano trazidas pela realidade das participantes com questões estruturais, macroeconômicas e políticas. Produzindo alimentos sem veneno e organizando a comunidade para que futuramente dispense a ação de assessorias técnicas e educativas e possa manter essa iniciativa prática e política de forma autônoma e munida de princípios comunitários.

Assim, a Horta Popular Agroecológica Dandara abriu caminhos para formação de lideranças, para inserção da comunidade em oportunidades, para o aprofundamento de traços positivos do local, para desnaturalização de problemas locais e para alimentar famílias de comida de verdade e de ímpetos.



Disseminação da experiência

As últimas ações executadas na Horta Popular Agroecológica Dandara foram de ampliação, cercamento e limpeza de uma área ao lado da atual para fortalecimento do plantio. A área tem por objetivo plantar maiores quantidades de menos gêneros alimentícios que sejam mais substanciais, com o propósito de distribuir para as famílias que constroem o espaço e garantir alimentações mais completas ou até mesmo uma comercialização local.

Além disso, o espaço tornou-se uma referência de agricultura urbana e as mulheres envolvidas seguem sendo mobilizadoras comunitárias e de confluências maiores. Assim como o espaço, aquele coletivo difunde a possibilidade da ação local como um caminho para uma reestruturação mais ampla, dando força à comunidade, à agroecologia e às mulheres organizadas.

Através da mídia também a experiência vem recebendo visibilidade e apoio de outros sujeitos e organizações, além de estarem somando em outras frentes territoriais em Recife e região metropolitana.

Dessa forma, a experiência fortalece a confiança de que é possível pensar estratégias de produção de alimentos nos centros urbanos, confrontar a situação de insegurança alimentar através de iniciativas populares e fundamentar a participação social na construção de alternativas.